

#### **SOBRE A AUTORA**

Doutora e Mestre em Educação (PUC-Rio);  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação  
da PUC-Rio, Coordenadora do Curso de Especialização  
em Educação Infantil e do Grupo de Pesquisa em  
Educação, Museu, Cultura e Infância (PUC-Rio).

Recebido: 12/12/2015

Aprovado: 23/04/2016



REVISTA  
**SENTIDOS  
DA CULTURA**  
BELÉM-PA | ANO 3 | N.3 | JAN-JUN 2017

### **PERAMBULADOR DE CASAS: UMA CARTOGRAFIA DESASSOSSEGADA DAS CASAS-TEATRO EM BELÉM DO PARÁ**

*Luciana de Andrade Moreira Porto*

#### **Resumo**

Perambulador de casas: uma cartografia desassossegada das casas-teatro em Belém do Pará assume como princípio criador arriscar-se por caminhos bifurcados, que a investigação dasconvivialidades deste habitat-teatral exige. A pesquisadora sabe que para desbravar caminhos iniciais de uma cartografia, precisa criar um território existencial entre as jornadas anteriores e o presente, para compreender a necessidade ou não da existência da casa-útero. Tem, como fundo da investigação, outras casas-sedes aqui reconhecidas como geografias interiores onde moradores e abrigos se confundem, convergindo memórias, sentimentos e poéticas, como objeto, sensações dicotômicas existentes e habitantes em ambas as estruturas (viajante e casa). No meio dos caminhos, no entre, a escolha da pesquisadora é ser cartógrafa da alma e dos desassossegos, andarilha e moradora. Ao se lançar no caminho do pensamento poético, descobre, nos traços dos passos deixados no asfalto fervente, outros pés, então, sabe-se acompanhada por outros caminhantes em livros: Gaston Bachelard, dizendo do bem mais precioso, o ter e o ser casa; Fernando Pessoa, poetizando que os descaminhos desassossegados existentes nos planos das ideias e a vida não passam de um ensaio do poder vir a ser; Lewis Carroll e Alice, como seres que arriscam o novo, o tempo todo; Hilda Hilst, ardendo os desejos; e Ítalo Calvino, presente nas linhas do imaginário, que retrata e reconhece, através da fábula, o próprio habitat. Assumindo o erro e o inacabado como parte dos caminhos percorridos, ela precipita uma nova jornada. **Palavras-chave:** Teatro; Cartografia Desassossegada; Coletivo Teatral; Sociabilidades.

### Abstract

Substituir Substituir Substituir Substituir Substituir Substituir  
Substituir Substituir Substituir Substituir Substituir Substituir

**Keywords:** place, place, place

### CARTOGRAFANDO AS CASAS-TEATRO DA CIDADE

"Quem é você?" perguntou a Lagarta. Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: "Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então." Lewis Carroll (2010, p.55)

Tentar responder a pergunta da lagarta parece inicialmente precipitado. Pensarmos quem somos não é tão simples quanto parece; talvez pelo simples fato de não sermos seres isolados, dependemos sempre de outras pessoas para sermos. Estamos sempre em contato com o outro, mudando, relacionando as nossas vidas e os 'nós' que se formam no meio dos percursos, em algum momento podem representar quem fomos (pois o que somos ainda estamos sendo, no exato momento em que recortamos e definimos quem somos de ser, vira passado ou até mesmo nunca existiu).

E vejo que tudo quanto tenho feito, tudo quanto tenho pensado, tudo quanto tenho sido, é uma espécie de engano e loucura. Maravilho-me do que consegui não ver. Estranho quanto fui, e que vejo que afinal não sou. (PESSOA, 2011, p.69)

Partindo da prerrogativa de Fernando Pessoa, no Livro do Desassossego, é que sempre ensaiaremos dizer quem somos e que esse ensaio será se não um engano, um possível sonho do que seríamos, mas nunca chegaremos a ser por ainda estarmos sendo e essa construção do ser levar uma vida inteira; melhor lançar pistas dos caminhos dos andarilhos e cada um que construa suas opiniões sobre o que fomos.

As pessoas retratadas aqui como viajantes, e todos os seus sinônimos, são os artistas paraenses, digo artistas porque a maioria, inclusive eu, não é de apenas atores, produzimos, dirigimos, gerimos nossos espaços, iluminamos os caminhos que percorremos; tanto na cena como na vida. Nosso ofício na cidade ensina que sempre acumularemos tarefas.

É necessário assemelhar Alice com o Louco encontrado nos arcanos maiores das cartas de tarô e equiparar aos artistas paraenses, ambos apresentam a personalidade do ser errante,

a necessidade de nos lançarmos ao abismo, aceitando e cumprindo nossas jornadas. Alice e o Louco, almas infantis, são capazes de arcar com as consequências das suas escolhas e nós, os artistas paraenses, coincidimos e convergimos com tais essências.

Depois, por súbito silêncio tomadas,  
Vão em fantasia perseguindo  
A criança-sonho em sua jornada  
Por uma terra nova e encantada [...](CARROLL, 2010, p.10).

Apresento "dois absurdos" pilares dessa fala, descobri tais palavras no Livro do Desassossego de Fernando Pessoa, e logo as sonhei minhas: Dúvida e Hesitação. O mais importante, a saber, é que a realidade aqui apresentada, como disse Pessoa para mim enquanto dormia e sonhava com o que tinha lido, ao mesmo tempo em que sonhava com o teatro onde moro e lugar que habita o meu ofício, são "relatos-sonho", memórias construídas e qualquer semelhança com a realidade, não posso querer ser tão precisa, são coincidências ou não.

Chamo o espectador que lê e observa os desassossegos aqui apresentados para a bifurcação dos caminhos de Alice, da trupe mambembe de Alcione Araújo em A Caravana da Ilusão, quando o autor nos alerta: 'um caminho se divide inesperadamente em dois sem avisos ou indicações, nessas encruzilhadas de dúvidas, indecisões e desenlaces o ar está sempre parado, contam que até mesmo o vento as evita temendo dividir suas forças' (ARAÚJO, 2000, p.20), ou, pessoalmente falando (refiro-me a Fernando Pessoa), um passo errante para 'o mundo de imagens sonhadas' (PESSOA, 2011, p.52), para que possam imaginar ou até mesmo sonhar a dimensão das quedas, dúvidas e devaneios dos viajantes durante a jornada de ser e estar numa casa-sede de teatro na cidade.

São horas de eu fazer o único esforço de eu olhar para a minha vida. Vejo-me no meio de um deserto imenso. Digo do que ontem literariamente fui, procuro explicar a mim próprio como cheguei aqui. (PESSOA, 2011, p.53).

Não posso nem tenho a pretensão de esclarecer precisamente onde estou, pelo simples fato de o não saber; faço leves, mas nem sempre breves, pousos em terrenos incertos e vou seguindo, vivendo, produzindo novas formas de me ser (pensar, estar presente). Confesso também não ser ligada em datas, como Eló, de Gero Camilo, em A macaúba da terra, também esqueço aniversários, perco a hora, o prumo. Minha alma se aproxima à do guarda-livros da Rua dos Douradores, no Livro do Desassossego, espectador solitário da vida e, ao mesmo tempo, um sonhador, sempre cercado por pessoas, ao mesmo tempo em que o seu mundo infinito e particular lateja no plano das ideias. Aos poucos, como um quebra cabeça, juntaremos os pedaços (não somente meus, outros me acompanham)

e ainda juntos, ligaremos, da forma que o destino quiser, os casos que me contaram, os que eu vivi e como alcançamos os caminhos bifurcados. 'Sabemos bem que toda obra tem que ser imperfeita, e que a menos segura das nossas contemplações estéticas será a daquilo que escrevemos'(PESSOA, 2011.p.41).

Escrevo e me inscrevo na dimensão de quem batalha cotidianamente tal como Dom Quixote e os moinhos de vento, que se aventurou e colecionou derrotas, de fracasso em fracasso a andadura mais pertodo sonho, sim, falo dos grupos de teatro em suas andanças pela cidade sem abrigo, fator ideológico tão concreto presente na ausência de política de Estado para a cultura,combate tal qual osgigantes ou os moinhos de vento, moinhosvisíveis aos olhos de Sancho,aqui compreendidos como aqueles que não vivem do fazer artístico, que acredita ser o único lúcido, detentor da verdade e observador ativo da realidade nessa aventura, enquanto os gigantesaos olhos do cavaleiro da triste figura ameaçam seus caminhos.O duelo inevitável é compreendido como ato de sobrevivência para Dom Quixote, que representa fielmente os artistas paraenses,enquanto andante e idealista, estabelecendo o que seria a vida futura dos grupos de teatro e também as múltiplas direções a serem seguidas no percurso desses 23 anos (tempo contado entre a abertura do primeiro espaço não convencional ou casa-sedede teatro até o último por mim cartografado) de guerrilhas e resistência, resultando nessa única rota de cultura da cidade.

Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá. (CALVINO, 2006, p.29).

Gaston Bachelard, em *A poética do espaço*, me proporcionou um consolo que ninguém mais, nem eu mesma, soube me dar e por alguns minutospude sentir tranquilidade, antes de dar novo significado ao que fazia e continuar a jornada que seguiria no desejo imanente de cartografar essa poética do desassossego pertencente à casa.

Nessas condições, se nos perguntarem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. (BACHELARD, 2008, p.113).

A cartografia desassossegada que recorto e viro do avesso nas histórias da cidade de Belém do Pará ilumina caminhos sem confiná-los e écompreendida como um mapa móvel, aqui utilizada como um instrumento do devir da poética dos espaços não convencionais de teatro; concebidas para a diversidade, multiplicidade e possibilidades, são poéticas livres, não cabendo a mim e nem a ninguém aprisionar ideias, formas, espaços. A cartografia habita regiões insuspeitas e também nos permite uma compreensão comportamental de uma sociedade, como disse Howard Becker (2009. p.273), no livro *Falando da Sociedade*, sobre Ítalo Calvino em *As Cidades*

Invisíveis, as descrições literárias retratam a partir da fábula e da literatura formas de relatar o comportamento de uma sociedade. Fatos reais ou não, trocamos a clareza e a unidimensionalidade descritas por Becker, pelo pensamento a beira do abismo, labirinto de sensações dicotômicas encontradas na escrita de Calvino. Presente também nos processos artísticos de criação que se aproximam à curiosidade infantil de Alice, às possibilidades do poder vir a ser se eu não fosse quem sou latejante no Livro do Desassossego.

A cartografia desassossegada da família mambembe de Alcione Araújo, em *A caravana da Ilusão*, se assemelha com a minha ao passar para a geração seguinte a arte do seu ofício; nas errância se cartografando a alma: laços afetivos, os caminhos escolhidos, saltamos todos juntos no precipício.

A cartografia como conhecimento do inexplorado procede pari passu com a cartografia como conhecimento do próprio habitat. (CALVINO, 2010, p.30).

Esses outros lugares por onde passamos podem ser atravessados por lugares onde estivemos anteriormente e também influenciarão a próxima localidade em que estabelecermos estadia até breve que seja. Por mais que passemos com cuidado pelos caminhos, todos sempre sairemos marcados.

### A CASA DA ATRIZ

É necessário primeiramente alertar que para se ter um lugar para retornar é preciso assumir de onde se partiu. A Casa da Atrizse encontra, por ordem cronológica de abertura, entre o Teatro Cuíra e o Reator, porém, é imprescindível assumir o ponto de partida e o ponto de regresso: minha casa. Essa casa, que começa a ser descrita no embarço dos tempos e numa outra reorganização dos espaços, está em primeirono plano das casas, por garantia que o andarilho retorne pelo fio invisível formado pelos pedaços de pão que sempre o alimentaram.

O importante de conhecer, em primeiro lugar, esse abrigo, é para tornar a viagem um(re)conhecimento do habitar do outro, indícios poéticos importantes para pensar melhor o "seu" espaço. Desde os inícios dos ciclos, nos sentimos alerta aos erros, ao inacabado, a alguns equívocos apontados, assumindo a humanidade dos seres e casas a serem encontrados. A música Beatriz de Chico Buarque, que antecede a própria existência da casa, reafirma a efemeridade das coisas, certezas, idades, pessoas. É da imagem que a música cria, ao mesmo tempo em que os sentimentos convergem, é que a mãe do andarilho constrói para o filho uma casa.

A mãe do andarilho é capaz disso, fez do coração morada para si e para todas as visitas do viajante. Gaston Bachelard fala do poder materno que a imagem da casa carrega e somada à vontade da mãe do peregrino de dar colo a tudo o que acredita, confirma isso. A casa descrita nesse momento é duplamente



A Casa da Atriz  
"Me ensina a não andar com os pés no chão  
Para sempre é sempre por um triz"  
Chico Buarque (2006. p.326).

materna (por serem duas mães e por ser gêmea).

É aqui que se esclarece e revira o oculto das caminhadas: o perambulador de casas é gêmeo, e como quem olha o espelho imaginando ser o jogo dos sete erros, observa todas as ações que exerceu olhando a resposta do reflexo. Foi na mesma jornada dentro de si que embaçou a visão do reflexo. Era de imaginar que o andarilho míope nunca enxergasse as coisas da mesma forma por duas vezes seguidas. As distorções foram alertadas.

E como quem pode observar a si num outro corpo parecido ao seu, também, se pressupõe algumas vaidades. A vaidade reconhecida aqui era pensar que esse lugar com essas quatro pessoas que habitam A Casa da Atriz bastava. Faz bem saber que os enganos logo são descobertos, não se suportam por muito tempo, se aproximam, e, idênticos à música de Chico, por um triz não resistiram. Ter a alma infante significa por vezes parecer bobo.

Quatro almas errantes na porta de entrada. Descobrir todos os dias como iniciar ciclos e encerrar jornadas demanda amor incondicional aos quatro que decidiram seguir de mãos dadas. Criar no próprio cotidiano a fantasia que faltava, enfeitar as rachaduras que o tempo imprimiu na casa com as histórias que somente os quatro podem contar. Um amor tagarela.

A Casa da Atriz abriga essas quatro figuras: um menino que é conhecido por Paulo e está no auge dos seus cinquenta e nove anos. Ele que caminha sempre com o olhar perdido, olhando os cantos da casa como se assistisse ao filme da sua vida. Iluminador dos caminhos dentro de casa, afina o refletor aonde os pés vão e cuida também para que o rosto se ilumine (ele é o responsável por ofuscar a vista do andarilho com sonhos e devaneios que nem sempre são concretizados, ensinou a sonhar). A mãe Yeyé, com os seus cinquenta e oito pássaros (a idade voa), que exerce a mesma função do abraço, acolhe o peregrino em todas as suas quedas, idas e regressos. Sabe esperar (foi minuciosamente testada durante quatro anos e meio em que o peregrino e seu reflexo moravam no outro lado do país), preparou a casa-teatro para o retorno do perambulador e espelho ou retrato. Seus olhos fizeram festa na chegada.

O viajante e o reflexo. Ambos se confundem nas jornadas, é o primeiro e o último ser revisado antes de dormir e despertar. Almas gêmeas que tentaram ao máximo grudar seus caminhos antes de compreenderem a necessidade de separar. Alcione Araújo já havia alertado das bifurcações dos caminhos, mas acreditavam burlar também o destino. Não conseguiram. A vida sempre vence e entoca nos cantinhos o que pode ou não ser lembrado.

As horas continuam a correr dentro dos quartos, o que muda é a falta de pressa, a ginga, o prazer em fazer o que se sonha (inventaram até uma tenda onde o dinheiro que entra

sustenta tudo). Aos poucos se conquista o público, ganha-se tempo, as temporadas se alongam e tudo começa depois de servido o café para os atores, arruma-se a casa para as visitas, as ações são inebriadas de carinho. Toda partida para os outros lugares doía um pouquinho.

Quando aconteciam as idas, a instrução era: só olha para trás quando chegar em algum destino, assim o peregrino descobriu na falta a sua coragem, fez novos amigos, perdeu outros (começou a perder por infantilidade, continuou a perder por discordar e por fim entendeu que não deve aprisionar nem ser aprisionado), foi quando descobriu parceiros de verdade.

É no mover-se que o andarilho descobre a beleza dos caminhos, e na incompletude que todo ser carrega consigo, perambular até o próximo destino contribuirá para a construção e a forma de habitar novos e velhos lugares. O problema nunca foi observar as estradas que estavam nas solas dos pés, o perigo era continuar a ver da mesma forma os lugares que já haviam mudado.

Gaston Bachelard (2008. p.30), em A Poética do Espaço, ressalta a grandiosidade e encanto dos caminhos, e lembra para não esquecer que existe um devaneio do homem que anda, o devaneio do caminho.

Quem caminha por um longo período tentando descobrir ou reconhecer o lugar que pertence, entende a primeira sensação de chegar em casa. Os passos queimaram caminhos na cidade feita de chuva que lavará tudo o que não era para ser do viajante, as primeiras caminhadas não serão feitas por si, cabendo ao mesmo decidir percursos e chegadas.

Como disse Fernando Pessoa (2011. p.181), 'nós outros todos, que vivemos animais com mais ou menos complexidade, atravessamos o palco como figurantes que não falam, contentes da solenidade vaidosa do trajecto', no caminho pessoal, antes de si, descobrir a estrada. E nesses atravessamentos de ser protagonista e coadjuvante, caminhante e caminhada, as extremidades como dois namorados: se beijaram.

Existem diferenças perceptíveis em caminhos regressos, se encontram nas formas de habitar o que foi antes por ele mesmo habitado. O bom de percorrer as casas está na outra forma de observar o mesmo lugar, a vista perde vícios, se transforma, dissolve, ou se perde por acaso. Toda nova forma será bem-vinda e única na sua particularidade. Descobre-se o prazer de não julgar mais nada sem ao menos tentar fazer algo novo.

A casa nunca será a mesma de antes, o que tinha deixado para trás alguns anos antes em busca de encontrar o seu fazer teatral, a si mesmo, algo maior que a própria vaidade. Não será surpresa dizer que não se encontra exatamente o que se busca, as questões persistem até hoje, anos depois, mas a diferença é que agora guarda as incertezas nesse lugar, não se tem pressa em responder perguntas e deseja nunca respondê-las.

A diferença para quem se aventura a voltar está na forma

de habitar a casa em que cresceu. A loucura dos pais sozinhos na casa grande, a vontade de fazer teatro, eles sempre sonharam muito – continuam sonhando e a sua função é perpetuar e administrar as vontades dos sonhos e devaneios sempre, tentando estipular prazos e organizando datas – definitivamente, tinha feito o caminho de volta. Habitávamos os quatro um teatro, viveríamos em função dele.

A Casa da Atriz são cômodos e quartos que por vezes existem, outras não. Moramos em cada espaço da casa, não temos móveis fixos, nem sempre temos dinheiro, mas temos uns aos outros e amigos que acreditam, tanto quanto nós, nesse fazer teatral. Quem entra na casa nunca sabe o que esperar dela, palco móvel, espetáculo itinerante, capela para missa de formatura e também lugar da promessa de um futuro bom, minha gêmea encontrou outra metade e resolveu noivar no palco.

Quem chega à Casa da Atriz encontra quatro moradores apegados à sua trajetória, contam seu passado e não se sabe se estão contando a sua história de vida ou como o teatro -casa surgiu, visto que ambos não podem ser dissociados.

O melhor horário para comungar as visões da família moradora d'A Casa Da Atriz são os momentos que nós, os Porto, estamos à mesa, fazendo as refeições no palco da nossa casa, comendo o bolo que a minha mãe faz questão de dizer que é a sua marca no teatro que fazemos e canta, 'com açúcar, com afeto, fiz seu doce predileto pra você parar em casa'(HOLLANDA, 2006.p.148).

Sem pressa de apresentar a minha casa - dos meus pais e minha irmã gêmea - nos vemos em uma casa-útero, que deseja, fala e conta a sua história nas rachaduras do tempo, a rua recebe cada um dos espectadores como quem espera amigos de infância, a tenda, prólogo da cena que sustenta nossos devaneios e desassossegos de criança, sonhamos ser mundo, poder dizer tudo o que não foi dito e também silenciar, convidamos todos os amigos desconhecidos para conhecerem nossa casa mãe. Com capacidade para vinte e quatro pessoas, as salas, às vezes concebidas como passagem de cena, dormitório, casa de ferramentas, sua poética é vista como as linhas da palma da mão, alguns traços podem fazer referências a outras mãos, mas estando ali, naquele lugar, se caracteriza como uma única e pessoal forma de ser.

[...] mas Alice tinha se acostumado tanto a esperar só coisas esquisitas acontecerem que lhe parecia muito sem graça e maçante que a vida seguisse de maneira habitual (CARROLL, 2010, p. 22).

É hora de sair; de novo, e de novo e de novo. Mas não sem rumo. O caminhante tem um mapa no coração.

É preciso dizer-lhe que tua casa é segura  
Que há força interior nas vigas do telhado  
E que atravessarás o pântano penetrante e etéreo  
E que tens uma esteira  
E que tua casa não é lugar de ficar  
Mas de ter de onde se ir (MARTINS, 1992).



"Fui andando...  
Meus passos não eram para chegar  
porque não havia chegada  
Nem desejos de ficar parado no  
meio do caminho.  
Fui andando" ...  
Manoel de Barros (2010, p.50)

### CASARÃO DO BONECO

Quem se reconhece cartógrafo da alma (SAVAGE, 2008. p.12) tanto quanto eu, também, imagina que pessoas, animais e objetos tenham significados. Ao pisar nesse terreno novo, a impressão que temos é de nos encontrarmos no chá maluco de Alice (CARROLL, 2010, p.80); a mesa repleta de xícaras, cadeiras de diferentes formatos, uma lebre, um chapeleiro e o caxinguelê. Tudo que encontramos aqui são possibilidades.

A alegria de desbravar um lugar como esse é entender que aqui não se conhece o sim e o não antes de conhecer a palavra'tente'. Aprendi nessa casa a conhecer melhor os objetos da cena e logo em seguida a reconhecê-los como os objetos participantes da vida. Sam Savage, em Firmin, constrói o que seria uma tentativa do início da história de um ratinho habitante de uma livraria; torna visível seus medos e fragilidades no momento da sua reflexão sobre o próprio existir percebe que o livro de sua vida já havia começado. 'Podemos não saber quando uma história começa, mas, às vezes, podemos dizer quando ela não pode ter começado, quando o rio ainda está em pleno movimento' (SAVAGE, 2008. p.13)

E é assim que, por vezes, o andarilho se enxerga nessa casa, um ratinho algumas vezes medroso, louco por conhecer a vida e um devorador de livros. Outras vezes, o andarilho, como o próprio chapeleiro maluco, que teima em dizer que conhece o tempo e que deveríamos falar do mesmo com mais respeito; sendo em algum momento a lebre cheia de respostas na ponta da língua ou o caxinguelê dorminhoco e também recitador de poesias.

Descobrimos, então, que nunca deixamos de ser (sempre somos, estamos sendo), somos criança, bonecos, nós mesmos. Dos passos que brotavam caminhos, surgiu uma casa que não se pode definir a cor, um pedaço se mostra um verde tão clarinho que nos confunde com a sombra da casa vizinha; na frente machucados são visíveis, acho que o tempo e a chuva andaram brincando com a casa, e sempre nas brincadeiras das crianças alguém acaba machucado ou chorando. Tem também a parte inferior ainda do lado de fora, que uma amiga pintou para esclarecer aos passantes das ruas cotidianas que ali nos divertimos. E indicar que nessa casamoram bonecos.

O viajante aprende, nesse outro novo lugar (depois descobriria que viriam tantos outros novos lugares), a enfeitar o lugar que habita sabendo que tudo é temporário, a casa se enfeita de bonecos, histórias, fantasias e tudo o que possa ser imaginado ou palpável. A casa se torna o próprio mundo interior do morador; os cômodos se tornam caminhos incompletos, uma cartografia sentimental de quem mora e de sua própria existência enquanto casa que transpõe barreiras e paredes.

A imensidão da casa onde pousamos nos coloca vícios como também dilata a visão do morador e dos seus visitantes. Imaginamo-nos tão grandes, ao mesmo tempo em que há

ainda muito a ser feito, sentimos tanto orgulho do lugar que conquistamos e nos envolvemos tanto nas batalhas cotidianas de sobrevivência que confundimos a história da casa com a nossa própria vida. A casa sempre encontra novas maneiras de nos emocionar.

São tantos os acontecimentos, os trabalhos e as vivências dentro desse espaço, que o andarilho não consegue decidir se quando algum visitante lhe perguntar da vida naquela casa ele contará como a encontraram, se dirá da ancestralidade que a casa abriga e respeita, se falará do tanque de tartarugas cheio de limo que foi destruído e que hoje já é outra coisa; e é tanto se numa mesma história de existência, entendemos então que somos alternativa, possibilidades e podemos ser tudo. Na palavra tudo, cabe tanta coisa.

Alguma coisa acontece aqui que ainda não se pode explicar, são mudanças tão rápidas que por vezes nem damos conta do que mudou e com o passar do tempo como quem acha surpresas, vamos descobrindo o que deixamos e o que permanece conosco. A vida, a poética do espetáculo feito aqui, a forma de observar o outro lado (lado oposto ao nosso) passa a ser rico de uma simplicidade e de um cuidado ainda não compreendido por mim, que percebo indícios de que os espetáculos feitos nesses espaços se contagiam da energia acolhedora da casa não importando onde eles sejam depois apresentados. Como um caracol, sempre levamos a casa conosco (a casa e o objeto artístico em permanente estado de formação).

‘O tempo tem tempo de tempo ser, o tempo tem tempo de tempo dar’, tal qual a música de Ruy Barata, é nesse território que aprendemos ou compreendemos o momento de tempo ser (vir a ser) e o momento de tempo dar (dar tempo ao tempo). As casas que habitamos durante a vida costumam fazer negociações com o tempo. Nossa existência dentro da casa é construída diariamente nessas relações imperceptíveis a olho nu e nos indicam vagarosamente através dos tempos múltiplos existentes na existência dos segundos de cada ser que se abriga nesse lugar, como num jogo de palavras parecidas nos arrisca a dizer que tudo está sempre em permanente mutação, processo, gestação. A obra existe e se recria, reinventa a cada instante para que exista gêmea a alma do ser errante.

As verdadeiras casas da lembrança, as casas aonde os nossos sonhos nos conduzem, as casas ricas de um fiel onirismo, rejeitam qualquer descrição. Descrevê-la seria mandar visita-las. Do presente pode-se talvez dizer tudo; mas do passado! A casa primordial e oniricamente definitiva deve guardar sua penumbra (BACHELARD, 2008, p. 32).

Todas as memórias apresentadas nessa e em todas as outras casas são aproximações, tentativas de descrever, reviver, até mesmo um devaneio sobre o vivido. Aqui cabem recortes do passado que o presente reproduz como Bachelard indica. Mais do que impor visitas às casas, o viajante reconhece a existência única de cada uma delas e tem a consciência de quem esteve ali

anteriormente e estará após sua partida, terá uma visão diferente da sua, preservando e sendo honesto com as diversas formas de habitar um mesmo espaço.

Adriana Cruz foi quem abriu as portas do Casarão do Bonecopara o meu olhar peregrino. Digo peregrino porque por estarem destinadas a passagens, as casas mudam para que a habitemos de diferentes formas. A casa criança abriga até cem devaneadores por sessão e tem aproximadamente sete anos: de apresentações, espaço de congregar outros grupos que necessitam eventualmente trabalhar, lugar de fluxo, onde se têm atelier de construção de bonecos. Lugar que gerencia a própria vida.

Aníbal Pacha é proprietário do casarão, também responsável pela visualidade plástica do grupo, e apoia outras produções que necessitam de bonecos ou de cenografia, organiza a memória da casa na secretaria, onde se pensa, calcula e formata a parte administrativa da casa e do grupo.

A divisão do trabalho se estabelece assim: Paulo Ricardo fica responsável pelo jardim e agenda do grupo, organização do ambiente, da parte física da casa. Aníbal Pacha fica responsável pela agenda de circulação do espaço. Cristina cuida da cozinha e da parte externa, existem divisões de tarefas que eles mesmos escolheram fazer, por que gostam de fazer dentro da casa, e também pelo que precisa ser feito.

As casas são arredias, costumam ser tão livres que espalham suas experiências pelos corredores e quartos. Nós que gostamos de lembrar e buscar passados é que ficamos com essa tarefa quase impossível de varrer cantos e vasculhar nos fundos o que foi vivido para posteriormente poder ser contado.

A seriedade e rigidez que encontramos nos processos das casas e dos caminhos estão na maleabilidade do cotidiano. A vida acontece em constante mudança, ao mesmo tempo em que os processos criativos. Não há como não ser fiel a isso, a nós.

No momento em que observava essa casa vazia, erámos nós dois espaços que se encontraram e nada mais. Nada mais além de lembranças, memórias e passado; não falamos do futuro por ser ainda uma incógnita e gostamos do mistério que habita a terra do por vir.

Duas vidas ali dentro. Os desassossegos da criação, de estar produzindo sempre, de encontrar alívio no bagunçar a casa. Acredito que a poética do espaço (utilizando mesmo o título do livro de Bachelard), aconteça nesses intervalos, suspiros do cotidiano em que nos permitimos transformar casas em lugares de poesia, lembranças do que foi feito por nós, nosso arranhão nas costas do tempo. Nossa escritura construída cotidianamente na cidade.

Gero Camilo (2002, p.85) em A macaúba da terra, no texto Cleide, Eló e as Pêras descreve o encontro do vigia da fábrica com Cleide e a mangueira. Desconhecidos num encontro

de amor onde os três suavam clorofila, no dia seguinte o vigia voltou até a mangueira em busca da moça que o deixara louco de amor. Encontrou a mangueira. E ele era por assim dizer, pai de mangas verdes com a sua cara. Tanto quanto o vigia da fábrica de Gero Camilo, como os artistas que fecundam processos nessa casa que descrevo, se reconhecem ao ver o fruto. O viajante que se permite amar uma casa entende que os frutos não são para si, semeiam outras casas e de vez em quando, nos reconhecemos nas sementes dos outros. O amor é livre.

O Casarão do Boneco é o primeiro espaço não convencional que se mantém com as próprias produções, foi o espaço que começou a pensar na gestão desse tipo de empreendimento e, portanto, quem inspirou errantes de alma a seguir em frente na jornada em que se propuseram. Aqui se aprende também que ter uma casa-sede, um lugar seu na cidade, não significa nunca mais sair ou não apresentar espetáculos em outros espaços, pelo contrário, esses espaços significam alternâncias de acolhimentos e partidas em busca de novos terrenos fecundos.

[...]Mas prefiro não me dar nome, ser o que sou com uma certa obscuridade e ter comigo a malícia de me não saber prever. Tenho uma espécie de dever de sonhar sempre, pois, não sendo mais, nem querendo ser mais, que um espectador de mim mesmo, tenho que ter o melhor espetáculo que posso. Assim me construo a ouro e sedas, em salas supostas, palco falso, cenário antigo, sonho criado entre jogos de luzes brandas e músicas invisíveis. [...] (PESSOA, 2011, p.227)

#### REATOR

Aqui não há a necessidade de descrever o que acontece na porta de entrada, o dono da casa o espera. O viajante é recebido em festa, por mais que ainda se encontre só, esse lugar celebra a oportunidade de ter a própria companhia. A casa em que o andarilho acaba de entrar anuncia que a vida sempre ganha, seja a sorte ou revés.

No lado de dentro, o peregrino compreende a celebração de estar sendo, sem apegos ao que foi ou ao que será, num e noutra são suposições e possíveis previsões; o andarilho sempre será levado a cometer enganos. E é no acreditar e defender o próprio erro, atitude de defesa contra si mesmo, se consome das perdas que o trouxe aqui como também festeja tudo o que virá.

A casa em festa, louca por visitas. A mesa posta, vinho não falta, agora tem plantas onde antes não tinha. Um cachorro que corre sobre uma ponte que passa em cima da cabeça das gentes e some. A residência se enfeita dos amores idos e chegados. A viagem que ninguém esperava.

Nando Lima abre a porta das escadas que levam até a sua vida, o olhar amigo ao mesmo tempo analítico; pensa onde colocará as palavras e os móveis. Único controle que tem, a vida que se encarregue do resto (a vida concede em troca sinais, sempre que decide o próximo passo que Nando deverá



“Nada tem sentido. Somos porque somos. E isso é tudo o que podemos saber”  
Alcione Araújo (2000, p.26).

seguir, sabendo que ele o fará). Não é simples a construção e vivência de uma poética do abandono (ou da ausência?).

O universo das probabilidades exige que o viajante consiga beber todo o amargo da vida, o que for bom se guarda, lembra, presenteia a si. Os demais acontecimentos são bebidos, ritualizados, performatizados (encenados). Aprende-se que sempre (SEMPRE) se pode transformar as coisas idas ou ruins em poesia, a dor continua e sempre existirá, mas a lembrança é guardada com cuidado e beleza na própria particularidade de doer sempre que lembrada.

Por isso a festa, a felicidade não deve ter hora, por isso se celebra sempre. Para que a felicidade permaneça, faça moradia. Gargalhar do tempo e o que ele faz da idade. Números não conseguem contar as experiências até aqui alcançadas, o andarilho sempre será esse infante, recente em sua idade (nunca se faz os mesmos anos, e os trezentos e sessenta e cinco dias do ano que vem, ele será mais inexperiente na nova idade) e os dias seguem, assim, errantes e errados, esperando o próximo engano.

A casa aqui descrita ensina ao peregrino a iluminar os próprios caminhos, a vida fica mais bonita se for seguida por um refletor de L.E.D, mudando a cor se for preciso, reinventado os cantos já conhecidos. Uma luz no labirinto. E como quem habita o começo de todos os ciclos, o viajante segue girando na espiral dos encontros.

Não existem grandes explicações ou consistência que dê conta das passagens, pois é na mudança que se estabelecem esses abraços. Lugar dos amigos que passam, fazem aniversário em cena, fotografam, registram ali a própria passagem. Deixar fotos para trás como documento comprobatório que ali se foi feliz. O lattes da felicidade.

Os amores são firmados na arrogância das tardes que insistem em mostrar o tempo sempre como adversário e em resposta dar tempo ao tempo, mostrar a si a coreografia da liberdade pagando os preços e multas do atrevimento.

#### MAPA PARA CHEGAR AO MEU CORAÇÃO

para chegar ao meu coração é muito fácil  
primeiro pegue o silêncio  
siga reto por uma estrada branca  
até o primeiro espanto  
vá diante  
então haverá uma bifurcação  
entre o que sou  
e o que poderia ter sido  
não hesite

divida-se em dois e siga em frente  
o primeiro deve perguntar  
ao vagabundo  
(que na hora do crepúsculo vai passar na estrada)  
onde mora  
o homem triste  
o segundo

terá que voltar atrás em seus passos  
até encontrar a casa abandonada  
(que antes estava oculta pela neblina)  
no centro de um terreno baldio.  
lá uma placa dirá:  
vende-se esta casa  
onde um dia morou o homem triste  
(DAMOUS, 2014, p.75).

Os caminhos labirínticos que seduzem as pisadas do andarilho os levam a um coração-morada. Descobre-se que Nando Lima construiu barreiras entre a casa e o teatro, imaginando que a privacidade talvez aceitasse ficar quieta atrás de uma das

portas. Não se contentou. Agora ela vagueia nos espetáculos, mais livre na sua impertinência do que se tivesse dado alforria a privacidade.

Como num grande desaniversário de Alice, a casa convida trinta desaniversariantes por sessão, festejando encontros e desencontros numa sucessiva comunhão consigo, do que com outros. O coração aprende a fazer anos, festas, lua cheia e conversas para si. Se por vezes não se pode comemorar o outro, então que consiga fazê-lo por si mesmo. Egoísmo construído de perdas, abandonos e suspeitas. Olhar a própria pessoa faz bem, é cuidado, amor, é tudo o que tem.

O viajante lançava aos poucos sinais de sua partida, quase não foi notada a sua ida, os amigos mais frequentes como: Danilo Bracchi, que dança a perda e as horas escassas; LeoBitar, sonoplasta das agonias consegue fazer o morador acreditar em melhorias. Jefferson Cecim constrói sob olhar crítico os bonecos-amigos e confunde o espectador desaniversariante no sentido de quem realmente está sendo manipulado (por desejos que nascem da grande vontade de dar vida e sentido aquele outro); Patricia Gondim também ilumina destinos; Milton Aires tem os olhos em festa; Alexandre Sequeira, boca de longas conversas e doador de colo quando necessário. Luciana Medeiros leva da porta para fora os convites das celebrações, ficando Marcelo Rodrigues e André Mardock, registradores das felicidades que virão. Os amigos ficaram acompanhando e felicitando o morador. O andarilho tinha tudo isso ao deixar a celebração. Essa casa suporta as partidas.

E como diz Alcione Araújo (2000, p. 26), 'Vivemos como os loucos e os leprosos, palmilhando caminhos empoeirados, como se tivéssemos fogo na sola dos pés', os desassossegos que levaram o peregrino a partir talvez aqui não existam, mais assertivo é pensar que a sola dos pés tenham mesmo fogo ou o costume de partir sempre. Deixando para trás as escadas que passam como pontes que ligam os sonhos com o passado, no intuito de encontrar o morador do sonho com o morador da casa, se perdem as horas. É na pressa em que se guarda o labirinto interior e o viajante está posto em nova jornada.

### CASA DOS PALHAÇOS

É na obscuridade que nascem novos caminhos, o viajante não está livre dos medos, das confusões ou desistências (tudo isso passa em sua cabeça como um filme onde falta coragem), às vezes, mais do que acreditar, é necessário não acreditar em si mesmo. Das ruínas alheias juntamente com possíveis lembranças ou memórias inventadas dos grupos que desapareceram é que desperta no andarilho a necessidade de sobrevivência.

A imagem da futura casa irrompe com os pensamentos em fogo e a efemeridade da chama atenta para a emergência dos pensamentos, abrigos, resistências; indicando mais um símbolo da passagem. Os viajantes da vida por vezes devem



"Nossos antepassados diziam que somos feitos da mesma matéria dos sonhos. Existimos porque alguém nos sonha."

Alcione Araújo (2000, p. 38)

tomar cuidado, estar atentos aos indícios das novas jornadas. Quão triste deve ser a história dos amigos errantes de alma que desapareceram na cidade, no último táxi rumo ao nada. Viver de partidas e escolher viagens tem disso: nunca se sabe quando estará embarcando pela última vez. O medo aqui não é de arriscar e sim ficar parado no meio da bifurcação dos caminhos e ali realmente não acontecer nada. Ficar fadado a não fazer ou não ser coisa alguma.

No pátio da casa colorida se inclinam as vidas. A entrada ainda a céu livre adverte o andarilho que o céu pode caber dentro de casa, lembrando também a todo instante os caminhos de onde se veio; os palhaços vieram das ruas e a ela sempre retornam. Descobre-se que palhaços nunca ficam reclusos depois que aprendem a rir de si, da vida, do outro. Ganham às gargalhadas o tempo que determina quem será presente ou passado.

Tudo o que é produzido nessa casa tem a responsabilidade de conceder futuros. Os projetos existentes aqui permitem que se sonhe mais longe, que o viajante faça planos, se coleione. Nas coleções de si mesmo, na mais justa maneira de se reinventar o palhaço imprime no próprio corpo várias formas de ser, cabendo a ele depois do espetáculo, receber abraços. A casa dos palhaços é assim, como todas as outras casas, guardam fragmentos, retalhos do passado.

Nessa casa em que o viajante se encontra existem frases soltas, pensamentos entrecortados ou feridos como as ruas da cidade, mas se aprende a levar as coisas na graça, entende também que é hora de ver a vida de uma forma mais mansa.

O peregrino acostumado a se armar com todas as possibilidades de estar sozinho, trazendo consigo pensamentos do labirinto e com a necessidade de sempre caminhar por estar resistindo, começa a entender os próprios silêncios, baixar a guarda. Parar.

A primeira pista de mudança acontece quando por instinto lança novas perguntas sem ter o cuidado de reorganizar as passadas, e no momento em que respira fundo para dar ênfase a alguma dor do passado que possa parecer com algo desse presente futuro, o viajante esquece o que ia dizer, perdeu a fala! Outro pensamento ou o vazio atravessou a rua principal do pensamento e se chocou com as ideias passadas. As vezes quando se pensa instintivamente em arruinar algo por medo, o silêncio irrompe do nada (de onde veio) e um sorriso sem graça faz o andarilho reconhecer que o medo se jogou no abismo junto com as palavras. O silêncio é primordial nesses casos.

Antes mesmo de se fazer presença na nova casa, o viajante necessita ser ausência. Compreender como a casa se reinventa, recria, resiste; mais do que trazer experiências para essa casa é importante aprender com ela. A casa dirá tudo o que sabe para que no fim da própria fala, diga uma forma de habitar habitada, reconheça a incompletude. Tanto quanto os homens,

as casas.

E então como num par de calçados que não lhes servem, o andarilho calçar os sapatos. Não se habita a exatidão, nem se encaixa perfeitamente em algo. As formas vão se aceitando, modificando alguns embaraços e assim se passaram anos.

Observávamos que o inconsciente está alojado. Cumpre acrescentar que o inconsciente está bem alojado, venturosamente instalado. Está alojado no espaço de sua felicidade. O inconsciente normal sabe ficar à vontade em qualquer lugar. (BACHELARD, 2008, p. 30).

Gaston Bachelard, n'A poética do espaço, escreve sobre a imagem maternal da casa, imagem essa que o próprio andarilho busca em sua jornada; Bachelard e viajante se fundem na mesma empreitada de construir imagetivamente uma trajetória de morada para compreender agora e futuramente que no mesmo sentido de quem mora numa casa, estará também constituindo uma habitação da alma, de si mesmo. O próprio viajante entende em sua jornada que pode ser a própria casa.

Na dimensão de quem descobre inúmeras moradas, o perambulador das casas interiores compreende as necessidades e exigências de ter sido quem foi, quem imaginou ser e outros que não foi. Os lugares e as formas de ser (palavra aqui indicativa das possibilidades estarem acontecendo se + r) são moldados de acordo com o inconsciente, suspeitas, medos, erros e nas vontades de acertar. Num devaneio constante que persiste ligar extremos, numa ponte onde passado e futuro dependem mutuamente.

Alessandra Nogueira, como quem brinca numa sala de achados e perdidos pronta para reinventar a própria história, conduz o andarilho pelos caminhos percorridos na casa dos palhaços. Toda última quinta-feira do mês, o grupo Palhaços Trovadores convida sessenta sorridentes por sessão para Palhaçadas de quinta. Pensar que essa casa convida pessoas para lembrar que é bom ser feliz, rir da vida é a melhor forma de entender que a felicidade não é rotina, é espanto; e quando se percebe está ali, comungando felicidade, existindo na mesma dimensão do sonho que é sonhado o palhaço. Eles existem porque outros os sonham, no intuito de rir do banal, por vezes habitar o ridículo, falar tudo o que vem na cabeça (todos guardam um palhaço de si no imaginário).

Ainda descobrindo portas e diversas entradas na própria casa, o andarilho e os palhaços mergulham na imagem maternal da casa.

Para introduzir desde já a fenomenologia do oculto, basta uma observação preliminar: uma gaveta vazia é inimaginável. Pode apenas ser pensada. E para nós, que temos de descrever o que se imagina antes do que se conhece, o que se sonha antes do que se verifica, todos os armários estão cheios. (BACHELARD, 2008, p. 21).

A poética existente nessa Casa é a imaginada ou poética do riso, das gargalhadas. Mais do que arriscar a dizer que é uma

vertente onde o objeto é a linguagem do palhaço, o peregrino arrisca a somar com a poética do ridículo do homem, o que ele nega ou não se permite mais arriscar. O palhaço alcança tudo o que o perambulador também de sonhos guardou.

As pessoas que habitam a Casa dos Palhaços são também compreendidas como os esperançosos d'A caravana da ilusão de Alcione Araújo (2000. p.19), 'Suspeitam sempre que se pode chegar ao mesmo lugar por diferentes caminhos'. Deixando para trás tudo o que em sua essência se diz definitivo, não buscam certo e errado, na bifurcação dos caminhos seja qual for o rumo escolhido, em ambos poderão fazer bem e mal. Opostos se tocam, coexistem.

Uma das coisas que tenho observado é como os extremos se tocam. Um grande amor vira um grande ódio, uma paz amena se transforma numa guerra ruidosa, um tédio infinito gera uma imensa excitação. Era isso que acontecia comigo e Norman. (SAVAGE, 2008, p. 126).

Sam Savage se referia a Firmin e Norman, a relação invisível entre o ratinho e o dono da livraria em que o roedor vivia. Norman não sabia da existência de Firmin, aumentando assim as fronteiras entre os dois e, por isso mesmo, intensificou os sentimentos do rato em relação ao homem. Alguns sentimentos existem por nascerem de relações dicotômicas. Na improbabilidade de haver algum carinho entre os dois, o sentimento do ratinho foi intensificado, o viajante sem abrigo, ao perambular caminhos, descobre a casa (por isso a importância da existência e do amor por uma casa). Em algum momento, todos os caminhos se aproximam, ou se confundem, se tocam, senão desaparecem.

A Casa foi concebida para a difusão da palhaçaria na cidade, imersão no próprio processo, construção de si e local de apresentação, habitat de desenvolvimento (dos palhaços, pessoas, crianças, plateia), abrigar quem não está em grupo nenhum e também com a função de formar outros públicos na cidade (a comunidade em que está inserida). O projeto Tem gente na casa é para a ocupação, divulgação e manutenção do espaço, já que a casa dos palhaços sobrevive também das próprias apresentações, produções e prêmios.

Uma grande motivação para a abertura da Casa dos Palhaços foi o desejo de ter um lugar próprio para desenvolver pesquisas, guardar o material de cena, desenvolver a linguagem do grupo, um repertório. As parcerias feitas pelo grupo não são fixas, mas abrem espaço para a habitação da casa, mais um para as apresentações, ensaios, circuitos, e observa o próprio lugar como um espaço importante para a cena cultural como todos os outros são.

Na hora de partir que se observa o que ficou por fazer, o viajante percebe que não poderá ficar para assistir ao filme que tem a temática do palhaço, nem estará presente quando consertarem a grade que foi quebrada durante um assalto onde não tinha ninguém na casa. Os refletores, cabos de luz e

benjamins precisam ser repostos. Quem ficou de coordenar isso?

Tudo o que será depois que passar pela porta: lembrança. Não que seja consolo, mas agrada pensar que estará sempre na dimensão do sonho (foi embora porque alguém acordou?). Dificilmente a vida dorme, então não faz sentido dizer que a vida acorda. Ela nem descansa. Mas o viajante compreende o chamado, seja ele como for; talvez aqui tenha se compreendido a incompletude das coisas. O inacabado. Permitir que o inacabado aconteça.

Sou em grande parte, a mesma prosa que escrevo. Desenrolo-me em períodos e parágrafos, faço-me pontuações, e, na distribuição desencadeada das imagens, visto-me, como as crianças, de rei com papel de jornal, ou, no modo como faço ritmo de uma série de palavras, me touco, como os loucos, de flores secas que continuam vivas nos meus sonhos. (PESSOA, 2011, p. 203).

É por continuar sonhando e aceitar a própria incompletude que o viajante se arma de sonhos e devaneios para a próxima jornada.

**O QUINTAL:** Lugar onde tudo se armazena

## REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ARAÚJO, Alcione. A caravana da ilusão: delírio em um ato, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução Antonio de Pádua Danesi. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2008 –(Coleção Tópicos).

BECKER, Howard Saul. Falando da Sociedade: Ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. 1ª Ed. - Tradução para a Língua Portuguesa sob Direção de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. Companhia das Letras, 2ª Edição 3ª reimpressão. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo, 2006.

CALVINO, Ítalo. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Tradução Roberta Barni. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CALVINO, Ítalo. Coleção de Areia; tradução Maurício Santana Dias. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALVINO, Ítalo. Seis Propostas para o próximo milênio: lições americanas; tradução Ivo Barroso – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMILO, Gero. A macaúba da terra. – São Paulo: techway, 2002.

CARROLL, Lewis. Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá; inclui ilustrações originais de John Tenniel; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CORREIA, André de Brito. Arte como vida e Vida como Arte. Sociabilidades num contexto de criação artística. Edições

Afrontamento – Porto, 2003.

DAMOUS, Jamil. O rei do vento. – Belém: UFPA – Fórum Landi, 2014.

HILST, Hilda. Do desejo. – São Paulo: Globo, 2004.

MARTINS, Max. Para ter onde ir. São Paulo: MassaoOhno, 1992.

NASSAR, Raduan. Lavoura Arcaica: 3ª Ed. Revisada pelo autor. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade; orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2012.

PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro: 2ª Ed.-1ª Reimpressão. Tradução para a Língua Portuguesa sob Direção de J. Guinsburg e Maria Lucia Pereira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

PESSOA, Fernando. O Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organização Richard Zenith. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAVAGE, Sam. Firmin. Tradução: Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

VIANNA, Tiche. Teatro de Grupo: um espaço de aliança a favor da arte. [Editorial]. Subtexto, Revista de Teatro do Galpão Cine Horto, Ano IV, n.4, p.56, Nov. 2007.

## SOBRE A AUTORA

Doutoranda em Artes. Mestra em Artes (2015/UFPA), graduada em Educação Artística - Artes Cênicas (Faculdade de Artes Dulcina de Moraes /2011). Professora de Artes, pesquisa teatro, sociabilidades, coletivo teatral, a casa da atriz e cartografia desassossegada.

Recebido: 03/12/2015

Aprovado: 10/03/2016